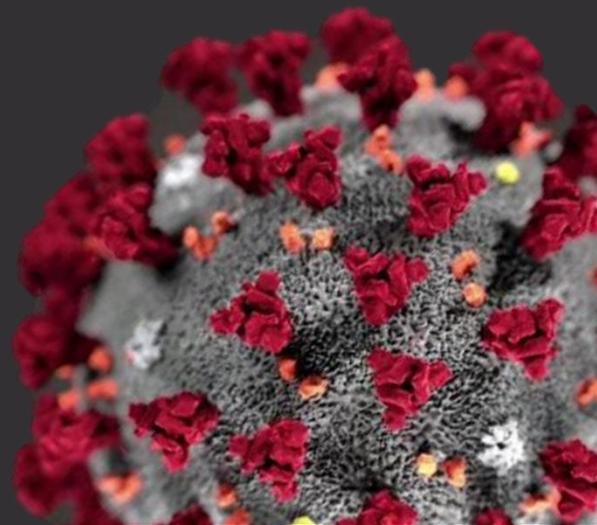


Painel de Monitoramento

Impactos da COVID-19 no mercado de trabalho de Minas Gerais



O Painel de Monitoramento do Mercado de Trabalho é uma produção da Secretaria de Desenvolvimento Social – Sedese, por meio da Subsecretaria de Trabalho e Emprego – Subte, que tem por objetivo acompanhar e atualizar as principais repercussões da pandemia de Covid-19 sobre o mercado de trabalho no Estado de Minas Gerais. Nesta edição você confere:

- Requisições de Seguro-Desemprego;
- Estatísticas do Sine em Minas Gerais;
- Mercado de viagens de férias;
- Venda de veículos em 2020;
- Setor imobiliário em 2020;
- Jovens e desafios do avanço tecnológico;
- Restrição ao comércio em BH.

SEGURO-DESEMPREGO

Minas Gerais registra mais de 760 mil requisições do Seguro-Desemprego em 2020

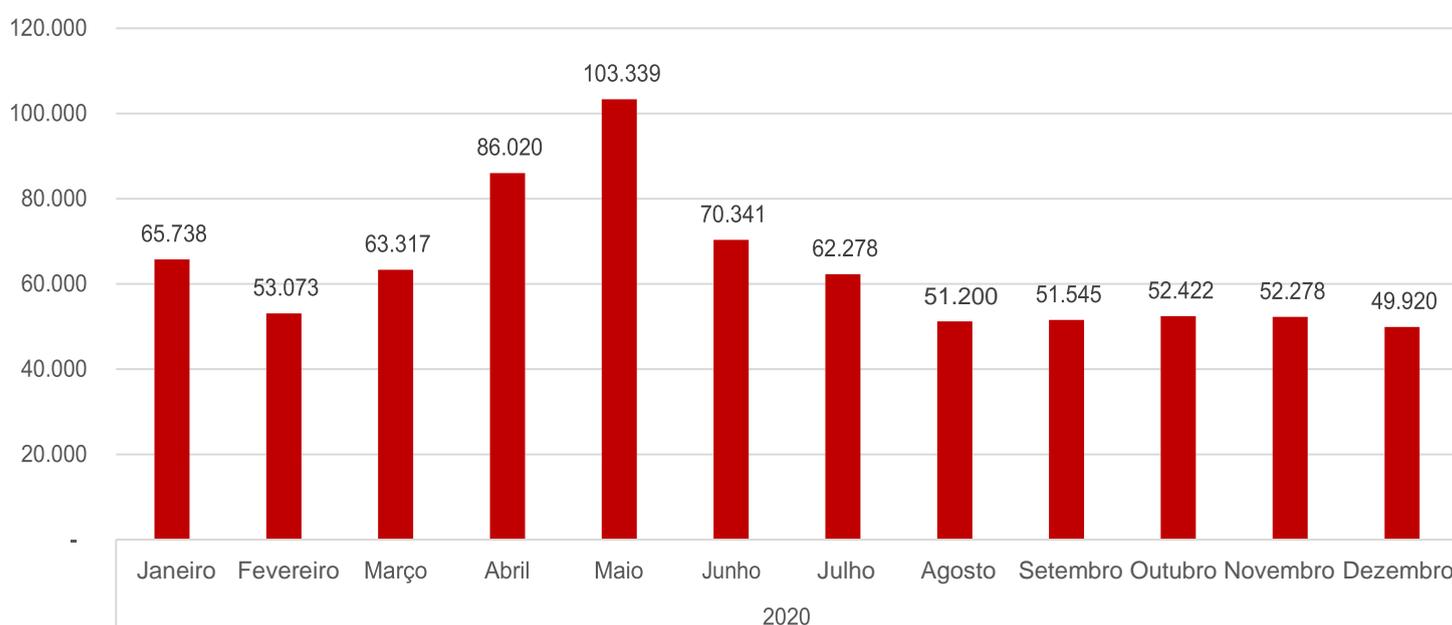
Com o aumento dos casos de Covid-19 no Brasil e no mundo, a economia global sofreu um forte abalo, situação verificada de forma contundente no Brasil, cujo mercado de trabalho foi severamente impactado com o fechamento de milhões de postos de emprego. Diante desse novo contexto, o Painel de Monitoramento do Mercado de Trabalho analisou, semanalmente, a evolução do número de solicitações do Seguro-Desemprego em Minas Gerais e no Brasil, a fim de acompanhar os efeitos da pandemia sobre o mercado formal. Os dados que embasaram as análises provêm do Ministério da Economia e permitiram identificar como, especialmente nos meses de abril e maio, houve um pico sem precedentes de requisições do benefício em Minas Gerais – o que evidencia um movimento de demissões em massa nos meses de março e abril, dado o lapso temporal entre o desligamento e solicitação do Seguro-Desemprego.

Assim, o Estado de Minas Gerais atingiu a marca de 761.471 benefícios pagos em 2020, número este 0,7% maior que 2019. Se observado apenas esse aumento percentual, pode-se pensar que, considerando o grau de excepcionalidade da atual pandemia, essa é uma variação pouco significativa. No entanto, os impactos no mercado de trabalho excedem a demissão, que constitui o caso mais extremo de corte de gastos. Isso porque, antes de recorrer a essa última alternativa, muitos empregadores optaram por reduzir o expediente de trabalho e a remuneração de seus colaboradores. Ademais, o acesso ao Seguro-Desemprego ainda é um

privilégio restrito a uma pequena parcela de trabalhadores que estão assistidos por esse tipo de programa de seguridade social.

Também vale destacar que, desse total de benefícios requeridos em Minas Gerais, cerca de 34% ficou concentrado no segundo trimestre do ano, o que representa uma alta demanda em um curto espaço de tempo. Ademais, pode-se inferir que o número de solicitações do Seguro-Desemprego só não foi maior devido ao fato de que muitos empregadores já vinham, desde o início da pandemia, mantendo as operações com o quadro mínimo de funcionários ou com a assistência de ações governamentais, como o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda, instituído pelo governo federal via Medida Provisória nº 936/2020.

Requisições do Seguro-Desemprego em Minas Gerais



Fonte: Ministério da Economia ([Coordenação-Geral de Gestão de Benefícios](#))

É curioso destacar que, em 2020, ao contrário do ano anterior, prevaleceram as requisições on-line do Seguro-Desemprego em Minas Gerais, uma média de 55%, que contrasta com os 3,5% de participação web registrados em 2019. Contudo, nos meses iniciais de pandemia, a procura pelo serviço digital foi ainda maior, chegando próximo de 90% na primeira quinzena de abril, momento no qual boa parte dos postos de atendimento do Sine e da Superintendência Regional do Trabalho e Emprego (SRTE) estavam fechados, inviabilizando a requisição presencial.

Além disso, uma análise mais focalizada dos dados permite identificar que, em Minas Gerais, o setor de Serviços (36%) e o Comércio (25%) foram os maiores demandantes do Seguro-Desemprego. Na sequência, aparecem a Indústria (18%), a Construção (12%) e a Agropecuária (7%). Quanto ao perfil de público requerente, a maior proporção corresponde a trabalhadores do sexo masculino, com faixa etária entre 30 e 39 anos, ensino médio completo e salário de até 1,5 salários-mínimos. Em perspectiva comparada às demais unidades da federação, Minas Gerais foi o segundo maior demandante do Seguro-Desemprego no Brasil, ficando atrás apenas do Estado de São Paulo, que registrou mais de 2 milhões de benefícios pagos.

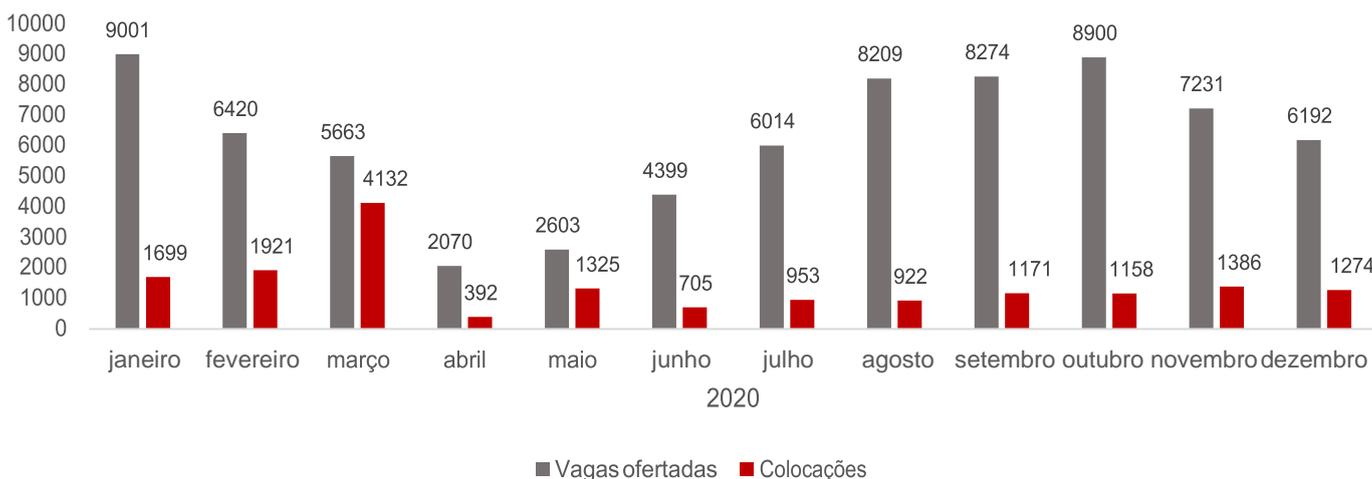
ESTATÍSTICAS DO SINE

Rede Sine em Minas Gerais encerra 2020 com quase 75 mil vagas ofertadas e mais de 17 mil trabalhadores contratados

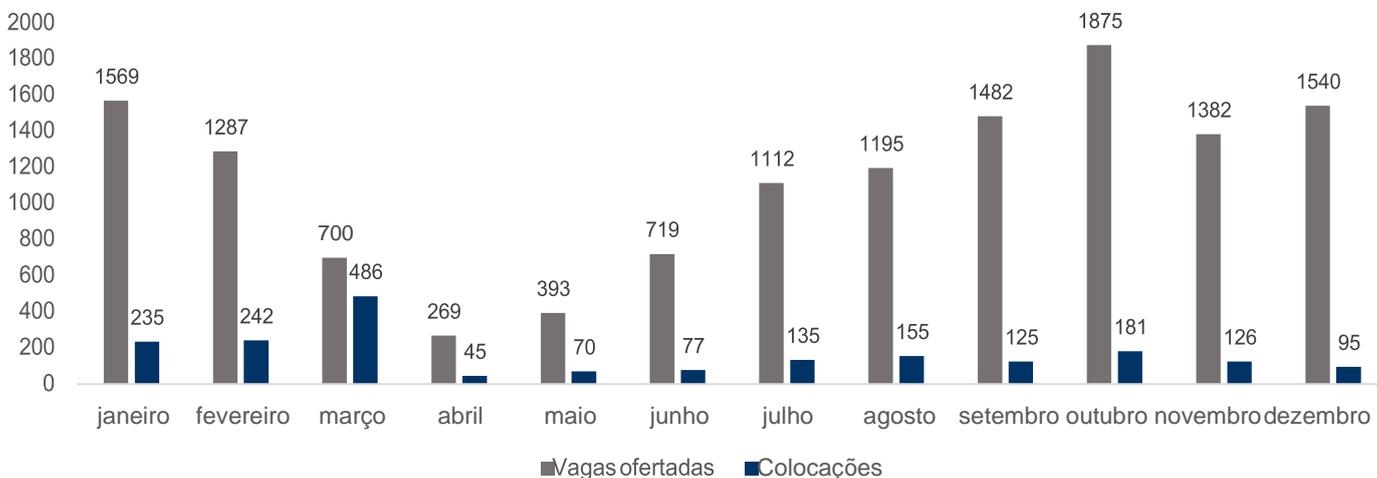
No ano de 2020, em que pese o cenário de instabilidade provocado pela pandemia de Covid-19, as unidades do Sine em Minas Gerais registraram, nos diferentes serviços ofertados pela rede, 869.635 atendimentos, que contemplam prestações variadas, como encaminhamento para vagas de emprego, captação de vagas e colocação de trabalhadores no mercado de trabalho.

A interrupção dos atendimentos nas unidades do Sine a partir do dia 23 de março implicou a diminuição dos resultados e suscitou a demanda, por parte do trabalhador, para a volta dos serviços presenciais. Por isso, diante das medidas de flexibilização do isolamento social que entraram em vigor a partir do mês de julho, algumas unidades retomaram o acolhimento presencial mediante agendamento prévio. Os gráficos abaixo detalham os resultados observados no Estado de Minas Gerais e na Região Metropolitana de Belo Horizonte durante o ano de 2020:

Intermediação de Mão de Obra - Minas Gerais



Intermediação de Mão de Obra - RMBH



TURISMO: ESPERANÇA DE RECUPERAÇÃO

Resultados seguem melhorando, apesar de ainda estarem aquém dos números de 2019

O setor de turismo se destacou durante o ano de 2020 como um dos mais prejudicados pela pandemia de Covid-19, em razão das necessárias medidas de distanciamento social para reduzir a taxa de contágio pelo vírus. Entretanto, a considerar as estimativas recentes, espera-se que o setor de turismo apresente melhora significativa entre dezembro do ano passado e início de 2021.

A procura por viagens para as festas de fim de ano e férias em janeiro esteve em alta em todo país. Segundo Magda Nassar, presidente da Associação Brasileira das Agências Viagens (Abav Nacional), com a pandemia, o faturamento das empresas chegou a cair 97%, porém a expectativa era que os resultados das vendas melhorassem nas últimas semanas de 2020 e chegassem, pelo menos, ao equivalente a 50% do que foi vendido no mesmo período do ano anterior.

"Estamos animados com essa possível recuperação porque o crescimento com a chegada do Natal e do Ano-Novo é maior do que imaginávamos. Acreditamos que o mínimo de aumento seja de 50%, podendo chegar até 70% do que foi em 2019", afirma Magda.

Além do aumento da procura por viagens, foi observado também uma mudança no padrão de consumo quanto aos destinos. Segundo Jussara Kaffmann, responsável pela área de atendimento e operações da agência de turismo Soul Traveler, os índices de viagens nacionais e internacionais se inverteram. Se antes da pandemia o carro-chefe da agência sempre foram as viagens com destinos internacionais, o equivalente a cerca de 80% do total, agora, no entanto, esse número não passa de 20%, ou seja, a maior procura tem sido por destinos dentro do Brasil.

"Temos dois fatores que implicam nisso: a alta do dólar e a falta de abertura de muitos países para turistas, incluindo os EUA e Argentina, os mais procurados. Por aqui, os brasileiros têm optado por viajar para o litoral. No Nordeste, por exemplo, há destinos que não têm mais vaga. Mas precisamos lembrar que o setor do turismo não está operando com a sua capacidade máxima", observa.

Segundo dados da Associação Brasileira das Operadoras de Turismo (Brastoa), em outubro, 92% dos operadores realizaram alguma venda no mês. O resultado é o dobro daquele registrado em abril, o pior mês em vendas em 2020. Além disso, também em outubro, 76% das operadoras de turismo relataram ter comercializado viagens cujos embarques ocorrerão no primeiro semestre de 2021, um sinal de recuperação do setor e uma perspectiva de aquecimento econômico, já que essa circulação de turistas no país tende a aumentar a demanda por produtos e serviços locais.

MERCADO AUTOMOTIVO EM 2020

Apesar da queda de 26,2% no ano, dezembro evitou resultado ainda pior

O setor automotivo no Brasil fechou 2020 com forte queda nas vendas, foi o pior resultado em cinco anos. As vendas só não caíram ainda mais devido ao resultado positivo de dezembro, que surpreendeu muitos especialistas. Segundo estimativa da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), em 2020, foram emplacados 2,06 milhões de veículos, resultado 26,2% menor que 2019. Contudo, as vendas de 2020 não foram tão piores quanto previsto, uma vez que se esperava o emplacamento de 1,92 milhão de veículos no ano, o que significaria queda de 31% no comparativo com 2019.

O resultado de 2020 contou com a contribuição positiva do mês de dezembro, quando foram vendidos 244 mil veículos, despontando como o melhor mês de 2020 para o setor. Em relação a novembro, o então melhor

mês do ano, as vendas de dezembro cresceram 8,4%. Mesmo com a melhora nas vendas no último mês de 2020, na comparação com o mesmo período de 2019, os resultados ainda foram 7,1% abaixo.

Um dos fatores que prejudicou o desempenho do setor em 2020, especialmente em novembro e dezembro, foi a redução da oferta de peças no mercado, além dos protocolos de prevenção à Covid-19 que obrigaram as fábricas a operar com menos funcionários. Desta forma a indústria automotiva não pode acelerar o ritmo de produção para atender a fila de espera que se formou, composta, sobretudo, por empresas especializadas em locação de veículos. A expectativa da Anfavea é de que o volume de vendas só volte ao mesmo patamar de 2019 – portanto, antes da pandemia - em 2023.

MERCADO IMOBILIÁRIO EM ALTA

Resultados positivos de 2020 são resultado de facilidades do mercado como juros baixos e oferta de crédito

O ano que mudou padrões de consumo, fez o desemprego bater recorde e colocou a maior parte dos setores da economia em retração terminou melhor do que o esperado para o mercado imobiliário. Após um segundo trimestre de fortes incertezas, cancelamento de lançamentos e expectativa de queda nas vendas, o segmento chegou ao final de 2020 com números surpreendentes. De janeiro a novembro, as operações de financiamento contratadas com recursos da caderneta de poupança somaram R\$ 106,5 bilhões. O valor mostra um aumento de 52% em relação ao mesmo período do ano anterior e é o melhor resultado desde 2014.

Os juros em um patamar historicamente baixo - o que se reflete em taxas de financiamento mais atrativas e estimula mais brasileiros a se voltarem para os imóveis como opção de investimento - e os recordes de captação na poupança durante a pandemia (irrigando a maior fonte de recursos para os bancos financiarem a casa própria) foram fatores que ajudaram a segurar o fôlego do setor no segundo semestre, apesar da crise.

Foi uma surpresa positiva, dado o cenário difícil do ano passado, avalia a presidente da Associação Brasileira das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança (Abecip), Cristiane Portella. "Os juros estão em um patamar que nunca estiveram, em torno de 6,9% para o financiamento. Em 2017, a média era de 11,4%, em um contrato de 35 anos. A prestação chegou a se reduzir em 30%

e muito mais gente ficou elegível para comprar um imóvel. Novas formas de indexação do financiamento, como as taxas prefixadas, trouxeram um leque maior para o consumidor", afirma Cristiane.

Com as medidas de compensação de perda de renda durante a pandemia e a chamada poupança por precaução, a captação líquida da caderneta de poupança inundou a principal fonte de recursos para financiamento para a classe média, pelo Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE). De janeiro a novembro, a captação da poupança somou R\$ 109,4 bilhões - volume recorde desde o Plano Real e que, desde a pandemia, só ficou

negativo em novembro, quando saíram mais recursos do que entraram. A perspectiva para 2021, no entanto, é que a captação caia, conforme a economia ainda demore a engrenar e os brasileiros gastem os recursos poupados durante o pior momento da crise.

Mas, ainda que o Banco Central entre em um novo ciclo de alta dos juros neste ano, não são esperados aumentos prejudiciais para o setor, diz o presidente do Secovi-SP, Basílio Jafet. "Há um ano, os juros estavam em cerca de 4,5% ao ano, caíram para 2%, mas a queda do juro do financiamento foi menor. A expectativa é que o crédito imobiliário se mantenha em 2021."

Fonte: *Jornal Estado de Minas*. Para ler a matéria completa, [clique aqui](#)

AVANÇO TECNOLÓGICO E JUVENTUDE

Homens e máquinas devem competir cada vez mais no mercado de trabalho

Um dos efeitos da pandemia de Covid-19 sobre o mercado de trabalho mundial tem sido a aceleração do processo de digitalização do trabalho. Segundo um levantamento feito pelo Fórum Econômico Mundial, até 2025, funções consideradas redundantes diminuirão de 15,4% para 9%, cerca de 85 milhões de empregos serão afetados ou substituídos por máquinas e algoritmos. Algumas funções e serviços com grande chance de substituição são: serviços de contabilidade, gestão de folha de pagamento, auditoria, trabalho industrial e administração executiva.

"Os trabalhos mais processuais, como contabilidade e administração, irão continuar sofrendo com a competitividade entre as pessoas e a tecnologia. Por isso, é preciso mostrar que, além da teoria e prática aprendida nas universidades, o profissional também sabe adequar seu trabalho ao meio tecnológico, podendo, por exemplo, trabalhar remotamente com contato limitado com clientes ou sua equipe", destacou a headhunter internacional e CEO da Soul Factor, Erica Castelo.

Por outro lado, as profissões consideradas emergentes crescerão 5,7%, passando de 7,8% para 13,5% da força de trabalho até 2025. Estima-se, ainda, que diversas novas profissões surjam já adaptadas à nova divisão do trabalho entre humanos e máquinas. Considerando esse contexto de aumento da competitividade no mercado de trabalho entre humanos e robôs, é fundamental que os jovens entendam a necessidade de mudar a forma como planejam a própria atuação no mercado de trabalho. Para esta década, a expectativa é de que muitos jovens estejam atuando em profissões totalmente novas.

"Por causa da queda da força de trabalho tradicional, é preciso que nos próximos anos as gerações se adequem logo no começo da sua graduação a condições mais tecnológicas e comportamentais esperadas pela era digital. Alguns cursos podem demorar para implementar a tecnologia em sua grade de estudo e, por isso, o próprio aluno deve ir atrás de atualizações por meio de cursos rápidos e complementares", explicou Erica.

Apesar de a pandemia ter acelerado o processo de automação e digitalização do trabalho, também reforçou a importância do contato humano para a garantia do funcionamento pleno da sociedade. Muitas atividades que exigem contínua interação humana, aptidão para compreender, pensar criticamente e solucionar problemas complexos continuarão sendo muito importantes na nova economia, tais como, por exemplo, marketing, vendas e produção de conteúdo.

FECHAMENTO DO COMÉRCIO EM BH

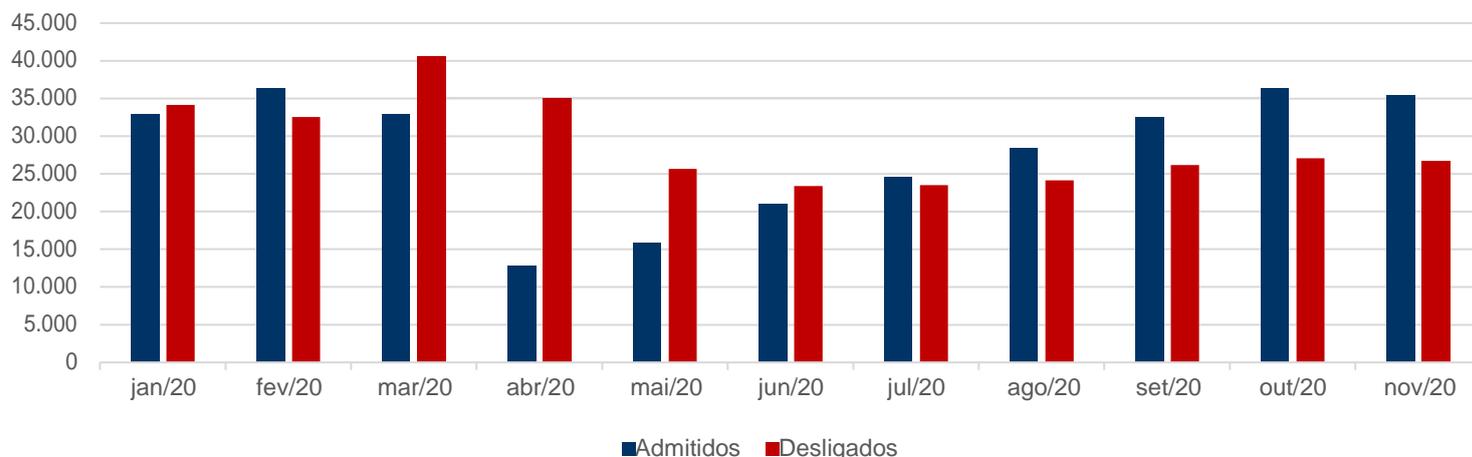
Capital mineira retoma medidas mais restritivas para conter o avanço do contágio pelo novo Coronavírus

Depois de bater três recordes consecutivos na taxa de ocupação de leitos de UTI, Belo Horizonte vai voltar a fechar as portas de seu comércio, em uma tentativa de conter o avanço da Covid-19. A medida foi anunciada pelo Prefeito Alexandre Kalil (PSD), que publicou, no Diário Oficial do Município desta sexta-feira (7), o decreto que concede autorização de funcionamento apenas para serviços essenciais, tais quais supermercados, padarias, farmácias, bancos, lanchonetes e restaurantes (nestes dois últimos casos, fica proibida a consumação no local).

As medidas entram em vigor a partir de segunda-feira (11) e foram definidas em deliberação do Comitê de Enfrentamento à Covid-19, que definiu que, as praças públicas do município e o zoológico também estarão abertos para visita mediante agendamento prévio. Tal iniciativa foi impulsionada pelo aumento da taxa de ocupação de leitos de UTI, um dos principais indicadores usados para monitorar o avanço da Covid-19 na capital. A taxa atingiu 86,1% – o maior valor desde agosto, quando a prefeitura começou a fazer a medição considerando os hospitais públicos e particulares. Antes disso, a capital chegou a registrar 92% de ocupação desses leitos, em julho. Esse indicador está em alerta vermelho, o mais preocupante, e os outros dois indicadores – internações nas enfermarias e taxa de transmissão do vírus – estão em alerta amarelo.

Apesar de implicarem sérios impactos de faturamento aos comerciantes de Belo Horizonte, o retrocesso em relação à flexibilização faz-se medida necessária para conter o avanço de contágio pelo novo Coronavírus, que teve sua disseminação ampliada no período das festas de final de ano. A primeira flexibilização das medidas de isolamento social na capital mineira ocorreu no dia 25 de maio de 2020, e previa uma retomada econômica gradual e monitorada, que levasse em conta os indicadores do boletim epidemiológico da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. O gráfico abaixo permite perceber que, com o abrandamento da epidemia naquele período, e a consequente recuperação econômica, o mercado de trabalho formal reagiu de forma positiva, com aumento no número de admissões, conforme evidenciado pelos dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Movimentação de Trabalhadores Formais - Belo Horizonte



Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged)

Em paralelo ao monitoramento feito pela Prefeitura de Belo Horizonte, o Governo do Estado de Minas Gerais também realiza o acompanhamento dos indicadores epidemiológicos da Covid-19, por meio do Programa Minas Consciente, uma iniciativa que visa proporcionar uma retomada econômica gradual e segura no território estadual. O último balanço do programa, publicado no dia 6 de janeiro de 2021, indica que 662 municípios aderiram ao plano, o que representa 77,6% do Estado, totalizando 13,2 milhões de habitantes.

Nesta quarta-feira (6), o Comitê Extraordinário Covid-19 definiu que a macrorregião Sul retornará para a onda vermelha, fase que permite o funcionamento, de portas abertas, de apenas serviços essenciais. Segundo os dados apresentados, houve crescimento de 9% na taxa de incidência da doença em todo o Estado nos últimos sete dias. Com a nova determinação, dez das 14 macrorregiões (Centro, Oeste, Jequitinhonha, Leste, Leste do Sul, Nordeste, Vale do Aço, Sudeste, Centro-Sul e Sul) estão na onda vermelha, a mais restritiva do Minas Consciente.



Fonte: Programa Minas Consciente. Para mais informações, [clique aqui](#).